

## 4

### Memórias e linguagem: o caminho metodológico

Os desafios na construção de uma metodologia adequada se referem à diferentes escolhas e decisões que necessitam ser pensadas do início ao fim do processo investigativo.

Para Ciavatta (2001, p.123),

*“estudar um objeto é concebê-lo na totalidade de relações que o determinam, sejam elas de nível econômico, social, cultural, etc. (...) Nesta concepção, o objeto singular é visto a partir de sua gênese nos processos sociais mais amplos, o que significa compreender a história como processo; e reconstruí-lo a partir de uma determinada realidade que sempre é complexa, aberta às transformações sob a ação dos sujeitos sociais (...)”.*

Uma questão manifesta desde a seleção inicial dos dados, por exemplo, foi a necessidade de captar e atribuir significados às narrativas dos interlocutores e de uma maior integração entre as vozes destes e da pesquisadora. É a partir dessa capacidade de “ouvir” e significar as experiências de nossos sujeitos que se estabelecerá uma reflexão das trajetórias em análise, no sentido de romper com uma visão puramente instrumental da pesquisa ao ampliar sua intenção dialógica (Bakhtin, 1986, p.145-148) através do contato com as narrativas dos educadores ambientais.

Buscando construir a metodologia apresentar-se-á ao longo deste capítulo o passo-a-passo das reflexões que orientaram a construção da pesquisa e sua efetiva configuração.

## 4.1

### A natureza das fontes documentais

Arquivar a própria vida é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: à justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Artières

Diante da diversidade de formas de “falar de si”, optou-se pela escolha de *memoriais* como possibilidade de acessar a trajetória formativa e laboral de educadores ambientais. Os memoriais, cristalizados sob a forma de uma ferramenta de análise autobiográfica, constituem um conjunto empírico elaborado e escrito pelos personagens centrais da análise.

*“O memorial, um escrito em que alguém conta e reflete sobre a sua vida, depende do grau de implicação de cada participante, do desejo e da capacidade de fazer memória da sua vida e de significar vivências no espaço; assim, constitui-se em uma história de vida (...).*

*Dessa forma, lembrar não é reviver, mas refazer, repensar, construir com imagens e idéias de hoje as experiências do passado. A construção do passado é relativa, é condicionada pelo presente. É o presente que aponta o que é importante e o que não é, portanto, um interpretar; é quando emergem os efeitos que se podem avaliar os acontecimentos”* (Bastos, 2003, p. 169).

Este ‘arquivo’ construído pelo autor, falando de si e consigo, torna-se “*uma reinterpretação do relato oral*”, materializado em uma “*narrativa escrita (palavra escrita)*” (Queiroz, 1988). Para a autora, o memorial é

*“o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu “onde” se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global”* (idem, p.20).

A memória tem se constituído como importante estratégia de pesquisa (Artières, 1998; Bastos, 2003; Bosi, 2003; Fávero e Britto, 2003; Mignot, 2003; Nóvoa, 1992; Passegui, 2000; Pollak, 1989 e 1992; Souza, 1996; Viñao, 2000; dentre outros), onde lembranças andam em par com

as marcas da formação pessoal e profissional revelando aspectos passados e indicando as aspirações futuras.

O memorial, narrativa de caráter autobiográfico, transcende o passado e o presente, circulando entre eles: falo do hoje com o olho no passado, falo do passado estando em diálogo com o tempo presente. Para Queiroz (1988), memoriais estão inseridos na categoria autobiográfica (profissional). Há um leitor que é par, que tem uma expectativa em relação ao relato. O memorial possui intencionalidades, objetivos, endereçamento claro, destinatário em mente e é instrumento de construção de uma auto-imagem. Está situado na categoria do coletivo, onde o autor é produto de um grupo social, logo, este relato memorialístico poderá se aproximar do relato de outros sujeitos.

Mas o ato de organizar, através da escrita, a experiência vivida não é tarefa usual e simples. Muitos educadores consultados para participarem desta investigação não nos responderam, outros informaram a impossibilidade de realizar esta tarefa que consideram exaustiva e que demanda tempo, talvez um tempo do qual não dispõem ou, ainda, uma tarefa que lhes exigiria a imersão em seus cotidianos de vida, pois, nos memoriais é preciso transformar memória em objeto de análise, de reflexão e, além disso, convertê-la em documento escrito.

*“É o momento de tomarem a palavra para contar a própria história e de serem protagonistas de seu processo formativo. Quando um educador torna público o que produz, revelando suas idéias e refletindo sobre o que faz, todos ganham. Ou seja, além de ser uma conquista pessoal, a escrita autobiográfica, quando publicada, fortalece os profissionais enquanto categoria e, nesse sentido, contribui em alguma medida para a profissionalização do Magistério”* (Nogueira e Soligo, 2006).

A opção pela autobiografia na forma de texto escrito nos remete a possibilidades, tais como: (i) relacionar história e memória; (ii) captar a atmosfera que envolve os sujeitos; (iii) captar o idealismo e escolhas das mais diversas ordens (imaginação, ética, aspiração); (iv) captar o diálogo do sujeito com seus interlocutores ao longo de uma sequência sócio-histórica, enfim, de buscar compreender a totalidade<sup>27</sup> de ações e

---

27      Uso o termo totalidade no seu sentido marxiano quando ao buscar compreender o objeto de estudo o percebo em suas múltiplas articulações e

relações a que estão submetidos os personagens que acompanharemos ao longo deste trabalho.

Os memoriais, que consideramos como inscritos na *pesquisa documental* (Giddens, 2005, p.542-548), materializam-se como relatos escritos, isto é, como textos gerados de próprio punho e cujo objetivo é descrever etapas específicas da trajetória de vida. Consideramos os memoriais como fontes documentais<sup>28</sup>, por entendermos que são registros cuja origem e organização podem mediar a relação entre teoria e prática, nos fornecendo dados significativos. Conforme polemiza Pollak (1989), é preciso

*“reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias, ocorre a emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto. Sobretudo a lembrança de guerras ou de grandes convulsões internas remete sempre ao presente, deformando e reinterpretando o passado. Assim também, há uma permanente interação entre o vivido e o aprendido, o vivido e o transmitido. E essas constatações se aplicam a toda forma de memória, individual e coletiva, familiar, nacional e de pequenos grupos”* (1989, p.5-6).

No caso, os documentos utilizados nesta pesquisa possuem certas especificidades que precisam ser consideradas, pois estão voltados principalmente para a descrição e detalhamento dos percursos de formação e atuação no campo profissional e foram gerados com esta finalidade. Tais características, por um lado circunscrevem o objeto de análise, por outro, aprofundam as questões que são caras a este estudo.

---

não como soma das partes. Para Kosik (1976, p.35), a *“totalidade não significa todos os fatos. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato qualquer (classe de fatos, conjunto de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido”*.

<sup>28</sup> Compreende-se a memória como fonte documental, mas não como monumento. Onde a memória é o material da história e não sua reconstrução.

#### 4.1.1

### **As tipologias das abordagens autobiográficas e seu uso para a pesquisa**

Diante da variedade tipológica que envolve a pesquisa documental na atualidade e, principalmente, diante da expansão do uso das abordagens de caráter autobiográfico e da história oral nas ciências sociais<sup>29</sup> consideramos importante distinguir as formas de narrativas divididas entre a tradição oral e a tradição escrita e que envolvem dimensões epistemológicas distintas e, portanto, concepções que vão desde a sua compreensão como técnica, metodologia ou teoria (Ferreira e Amado, 2006).

Os memoriais são fontes documentais que registram as trajetórias de vida, recuperando a memória através do texto escrito, onde há possibilidade de um exame expandido e da consulta às reminiscências, o que pode dar ao autor “espaço e tempo” para criar o seu relato, para executar um movimento de ir e vir, de recuperar a memória usando o que dispõe (fotos, documentos, cartas, etc) sem impor um ritmo como acontece, por exemplo, em entrevistas.

Quando da etapa analítica pretende-se trabalhar na *perspectiva dialética* nos baseando na teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin, que está melhor caracterizada mais adiante neste capítulo. Em tal perspectiva, o memorial não se constitui como um texto fechado em si mesmo, mas como uma narrativa que dialoga internamente e com a realidade ao seu redor. Nesse sentido, o material empírico encontra lugar para a reflexão, como se fosse um momento de aprofundamento à parte, mas que se remete ao contexto das experiências vividas.

---

29 Para maior aproximação ao debate sobre história oral ver a coletânea de textos reunidos em *Usos e abusos da história oral*, organizado por Marieta de Moraes Ferreira e Janaína Amado, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006.

### 4.1.2

#### **Caracterizando os memoriais desta pesquisa**

Como selecionar o grupo de estudo? Quem e quantos serão os interlocutores capazes de representar os educadores ambientais? Onde encontrá-los?

Pensando responder estas questões iniciais e, ao mesmo tempo, delimitar um grupo significativo de sujeitos que pudessem ter representatividade enquanto educadores ambientais, partiu-se de um perfil inicial, que compreendesse:

- participar do desenvolvimento de trabalhos de educação ambiental;
- exercer algum tipo de atividade docente;
- contribuir na produção de pesquisas no campo da educação ambiental;
- possuir memorial pronto.

O perfil estabelecido acima se justifica a partir da concepção de que um educador ambiental precisa estar incluído em um processo coletivo de reflexão sobre sua prática, daí o interesse por personagens que, em exercício docente, também estivessem de alguma forma preocupados com a produção de conhecimento e publicização destes conhecimentos a partir da pesquisa em EA.

Ao selecionar educadores participantes de encontros da área (ou que incluam a área) e de grupos de pesquisa, esperava-se encontrar os profissionais que atendessem ao perfil acima e que também tivessem memoriais prontos, já elaborados, pois tinha conhecimento das dificuldades concretas de produção de tal documentação. Escrever um memorial demanda tempo e interesse por parte de quem o produz, portanto, não haveria possibilidade de uma produção “especial” para esta pesquisa, o que também poderia se constituir como uma interferência significativa na redação dos registros.

Estabelecido o perfil, a primeira idéia foi recorrer à lista de comunicação pela Internet da ReBEA – Rede Brasileira de Educação Ambiental. Esta primeira idéia foi descartada em virtude da abrangência da rede, que não se destina unicamente a educadores, mas a um coletivo bastante diversificado de interessados na educação ambiental.

Uma segunda possibilidade seria iniciar uma rede de contatos através de professores conhecidos que trabalham com EA, que por sua vez, indicariam novos nomes.

Por fim, decidimos focar a busca por interlocutores em espaços, como:

- 1- Congressos da área ambiental e da área educacional;
- 2- Encontros promovidos por grupos de pesquisa em universidades brasileiras, ligados a EA, como os da Associação Nacional de Pesquisa em Educação - ANPEd e do Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental - EPEA.

Iniciou-se a seleção dos interlocutores fazendo uma primeira experiência de coleta de dados, a partir da apresentação de trabalhos relacionados com a EA em um evento já estabelecido no campo da Educação em Ciências, o EREBIO – Encontro Regional de Ensino de Biologia da Regional 2 (Rio de Janeiro e Espírito Santo)<sup>30</sup>. Estes encontros, realizados pela Sociedade Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio) são voltados

*“para pesquisadores e professores de todo o Brasil, dos diversos segmentos de ensino, para compartilhar reflexões teóricas e experiências docentes advindas das pesquisas recentes no ensino de Ciências e de Biologia” .*

---

30 Os EREBIOS têm reunido cada vez mais trabalhos relacionados com a EA. O primeiro encontro, realizado na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, em 2001, contou com a participação de mais de 800 estudantes, professores e pesquisadores e 147 trabalhos apresentados. O II EREBIO, realizado em 2003 na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/ São Gonçalo, manteve a aceitação do primeiro encontro, embora com 113 trabalhos apresentados. O III EREBIO, evento com a concomitância do I ENEBIO – Encontro Nacional de Ensino de Biologia, contou com 238 trabalhos inscritos entre relatos de experiências docentes, pesquisas e produção de materiais didáticos, provenientes de 15 estados brasileiros. Todos os encontros contaram com a produção de Anais com a publicação dos trabalhos selecionados.

Partindo da leitura dos trabalhos dos EREBIOs, foram selecionados aqueles cujo foco principal era a educação ambiental. Nos Anais foi possível identificar o e-mail dos (as) autores (as) com os quais nos comunicamos através da Internet. O texto pedindo o envio dos memoriais consta como Apêndice na página 213.

Por considerar que este primeiro contato foi bastante animador, pois foram recebidos, no prazo de uma semana, um total de 6 (seis) memoriais, sendo que 3 (três) interlocutores (ras) enviaram duas cópias diferentes de memoriais, totalizando um total de 9 documentos; resolvi ampliar a lista de possíveis sujeitos e dar continuidade ao contato via Internet, mantendo a mesma estratégia de localização e comunicação com os (as) educadores (as).

O segundo evento que contribuiu para a busca de interlocutores foi o V Congresso Ibero-americano de Educação Ambiental – 5º IBEROEA. O evento foi escolhido por seu caráter internacional, pelo grande número de participantes (192 trabalhos aprovados para apresentação oral) e por dispor das publicações em sua página (exemplo no Apêndice, pág. 214), tornando mais fácil o acesso aos trabalhos publicados e aos e-mails dos participantes, por ocasião da coleta de dados para a pesquisa.

A ampliação dos sujeitos envolvidos levou em consideração os mesmos atributos selecionados para o grupo anterior e o mesmo processo de comunicação via e-mails presentes nas publicações (em diversos suportes: impresso, digital e Internet) e a inclusão dos eventos de EA mais significativos para o campo, isto é, que já possuem uma tradição e um reconhecimento entre aqueles que fazem educação ambiental, EPEA – Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental e a Reunião Anual da ANPEd.

O desenvolvimento de um projeto de pesquisa é uma tarefa que sempre transita entre o desejado e o possível, uma vez que são necessárias concessões e expansões na adequação do projeto ao percurso da pesquisa mesma (Vasconcellos et al., 2006). Neste sentido, foi possível estabelecer uma metodologia inicial, mas, ao mesmo tempo, ser flexível em relação ao esperado e ao possível.



Entre o mês de abril e junho de 2006, foi feito o contato através de e-mail com cerca de 80 educadores ambientais graças aos endereços eletrônicos disponíveis a partir dos eventos.

Aqueles e-mails que voltavam eram imediatamente excluídos da lista. Muitos responderam não dispor do material memorialístico e também foram excluídos. Alguns nos interrogaram sobre a pesquisa e receberam dois documentos: o protocolo da pesquisa e o termo de compromisso (disponíveis no Apêndice, pág. 215 e 216). O envio deste material significou o estabelecimento de acordos entre pesquisadora e pesquisados, instituindo o que considero uma parceria entre nós, com o consentimento das partes envolvidas. Ao término da primeira remessa de e-mails, dispomos de 16 memoriais, que foram datados, receberam um número de identificação, além do registro do e-mail do (a) pesquisado (a).

No mês de novembro, ao término da 29ª Reunião Anual da ANPEd, foram enviados 85 e-mails para os educadores que participaram do GT 22. Destes, 15 retornaram por erro no endereçamento e foram excluídos, 5 enviaram os memoriais e 6 solicitaram o aguardo para posterior envio, pois responderam afirmativamente à solicitação mas necessitavam de tempo para o seu atendimento.

Os e-mails enviados suscitaram diversos tipos de retorno: alguns ignoraram por completo o pedido; outros enviaram pedidos de desculpa, comunicando não disporem de tal documentação; alguns justificavam não possuir memorial, mas ofereciam textos publicados ou o relato de experiências vividas; muitos indicavam o e-mail de amigos ou conhecidos que trabalham com EA e que, portanto, poderiam possuir o memorial; houve também quem solicitasse maiores esclarecimentos, pois não haviam compreendido a intenção da pesquisa. Enfim, foram muitas respostas negativas ou positivas, mas que indicaram a existência de uma comunidade de educadores ambientais que se comunicam pela rede de computadores. Em meio ao trabalho foi possível, inclusive, estabelecer certa aproximação com alguns colegas de profissão.

Nesta primeira etapa de coleta de dados dispúnhamos de 24 memoriais completos e prontos para serem analisados. Somando um total

de 165 e-mails válidos no processo de envio, considerou-se já possuir um número satisfatório para a análise desejada.

Após o recebimento dos documentos, foi realizada a leitura dos textos, isto é, um contato inicial que me permitisse conferir o atendimento às solicitações feitas por ocasião dos pedidos pela Internet. Esta primeira leitura dos documentos me levou a estabelecer uma nova seleção, visto que, alguns documentos não se adequavam ao perfil do profissional desejado, nem tampouco os textos se encaixavam na categoria de narrativas autobiográficas sendo, portanto, descartados. Ao final desta etapa dispunha-se de 22 memoriais considerados satisfatórios para a pesquisa.

Os memoriais selecionados se constituem em documentos confeccionados com os seguintes propósitos:

Quadro 1: Propósito de confecção dos memoriais.

<b>Objetivos</b>	<b>Nº de memoriais</b>	<b>Grupo</b>
Ingresso em cursos de pós-graduação		<b>G1</b>
mestrado	<b>5</b>	
doutorado	<b>6</b>	
Capítulo da tese/dissertação	<b>3</b>	
Seleção para ingresso na carreira		<b>G2</b>
docente	<b>3</b>	
pesquisadora	<b>1</b>	
Ascensão na carreira no Ensino Superior	<b>2</b>	
Não- dito	<b>2</b>	<b>G3</b>
	<b>22</b>	

A diversidade de propósitos identificados nos memoriais não se constitui em uma diferenciação significativa em relação à forma e conteúdo dos textos, com exceção de apenas um interlocutor que

apresentou dois documentos distintos<sup>31</sup>, mas que serão considerados para fins de análise, como textos complementares.

A categorização quanto ao propósito de elaboração dos memoriais apontou a existência de 3 grupos:

**G1** – onde os memoriais (14) foram elaborados para a pós-graduação, etapa formativa dos educadores ambientais;

**G2** – com textos (6) elaborados para o ingresso ou ascensão na carreira profissional e

**G3** – memoriais onde não há registro dos objetivos.

Além das informações citadas, a primeira leitura do material empírico também proporcionou a possibilidade de, juntamente com estudos teóricos, iniciar a problematização do uso de tais documentos como fonte para a pesquisa.

A seguir, introduzo na discussão teórico-metodológica dois sub-itens – ‘*A memória dos informantes: pode um indivíduo escrever sobre sua própria vida?*’ e ‘*O ato de ler e interpretar a memória alheia*’. O principal objetivo foi problematizar o uso dos memoriais como material de pesquisa. Ao refletir sobre as fontes documentais me aproximei de estudos de diferentes correntes para “sentir” o campo. Tal trabalho permitiu melhor delinear o *corpus* teórico, estabelecer possibilidades de análise e, finalmente, chegar à delimitação de idéias, conceitos e procedimentos metodológicos. Esta foi a maneira pela qual foram compreendidas a natureza das fontes autobiográficas e os problemas que decorrem do trabalho com documentos.

---

31 Esta interlocutora apresentou um memorial para a seleção na pós-graduação (mestrado) e um outro documento para a “eleição da direção do grupo técnico de uma ONG”. Como são textos cujas informações se complementam e por não apresentarem uma distinção significativa quanto à forma e objetivos, decidiu-se considerar os dois documentos.

### 4.1.3

#### **A memória dos informantes: pode um indivíduo escrever sobre sua própria vida?**

Neste tópico elenco algumas reflexões relativas à produção/ uso da memória dos interlocutores como fonte de informações para esta investigação, visto que nossos memoriais possuem certas especificidades e limitações como qualquer outra fonte documental, pois estão voltados principalmente para a auto-reflexão em relação aos percursos de formação e de atuação no campo da Educação Ambiental. Tal característica, obriga a um “exercício” no sentido de destacar os pontos interessantes em relação ao ato de produzir a memória, de *falar de si*, são eles:

- *O equilíbrio entre particularidades individuais e o sistema social mais amplo, isto é, “como os indivíduos se definem (conscientemente ou não) em relação ao grupo ou se reconhecem-se em uma classe” (Levi, 2006, p.173), ou ainda, como estender uma análise individual ao universo profissional, sem com isso estabelecer generalizações que não caberiam nos objetivos propostos para esta pesquisa, isto é, como relatos pessoais podem servir para compreender um grupo profissional. Este sujeito que narra sua “experiência não é tão singular a ponto de invalidar o universal, nem um epifenômeno do social que destituiria sua narrativa de qualquer especificidade” (Margotto, in: Mignot, 2003, p.141);*
- A *memória seletiva* dos informantes pode nos levar a um movimento em direção ao destaque de experiências positivas e ao apagamento dos conflitos e insucessos. Tal constatação se deve aos propósitos dos memoriais, que se destinam à processos de seleção/julgamento, além de uma idéia do senso comum de que devemos destacar sempre o “lado positivo” dos acontecimentos.

A memória também é confrontada com o tempo, com a resignificação dos fatos à luz das experiências e dos desejos do presente. O autor, ao deixar-se levar pelas lembranças, resignifica-as em função do tempo presente, dos objetivos que deseja atingir com o texto e de seu *auditório social* (Bakhtin, 2003). Ao destacar o que considera importante para si e para seus interlocutores (banca de concurso público, banca da tese etc.), o autor direciona a sua escrita para o que tais leitores esperam ouvir, construindo um processo de seleção dos fatos narrados;

- A elaboração de memoriais de educadores aponta o *caráter simbólico que se faz presente na representação da profissão*. Ou seja,

*“a ação de entender e de dar sentido ao mundo envolve, simultaneamente, processos cognitivo-afetivos. Significa que tanto o conhecimento quanto o sentimento estão presentes no processo de construção da significação simbólica, cuja base de produção é a realidade social. Os professores inscritos em uma situação social e cultural definida, tendo uma história pessoal e social, articulam elementos afetivos e sociais em um processo de elaboração de representações sociais que integram cognição, linguagem e comunicação às relações sociais”* (Bastos, 2003, p.168-169).

A inserção dos aspectos emocionais na escolha e elaboração do texto memorialístico está presente nos escritos autobiográficos, principalmente em relação a questões de ordem ideológica e política, manifestando-se através de uma escrita crítica, *inflamada*, carregada pelas paixões;

- As *lembranças autodefinidoras da rememoração*<sup>32</sup>, permitem compreender os tempos e os espaços de formação e de atuação profissional. Nessa escrita de si, narram suas trajetórias e permitem compreender as auto-imagens que constroem, seus modos particulares de interpretar a influência dos outros sujeitos, das instituições e da própria sociedade na constituição de sua vida,

---

32 As lembranças autodefinidoras são importantes pois *“respondem à indagação sobre quem somos. Trazem sucessos, fracassos, influenciando os comportamentos da intimidade ou os de luta pelo poder”* (Mignot, 2003, p.136).

as formas como buscam transformar a realidade socioambiental ao seu redor etc. Nesse processo se autodefinem dentro de um universo social específico, em relação à educação ambiental.

#### 4.1.4

#### O ato de ler e interpretar a memória alheia

Cumpra compreender que tudo o que dá valor ao dado do mundo, tudo o que atribui um valor autônomo à presença no mundo, está vinculado ao outro que é seu herói, fundamentado em seu acabamento: é a respeito do outro que se inventam histórias, é pelo outro que se derramam lágrimas, é ao outro que se erigem monumentos; apenas os outros povoam os cemitérios; a memória só conhece, só preserva e reconstitui o outro; e tudo isso é feito a fim de que minha própria memória das coisas do mundo e da vida se torne, por sua vez, memória estética.

Bakhtin

Vamos formular nosso debate sobre o ato de ler e interpretar a memória alheia destacando as seguintes proposições:

- (i) O *confronto leitor/autor e a distância pesquisador/pesquisado* são aspectos cabíveis de problematização. Por exemplo,

*"será oportuno afirmar que o trabalho com as fontes documentais deve constituir, para o pesquisador, um diálogo permeado de questões e dúvidas, cujo resultado pretendido nem sempre se apóia em análises bem arrematadas. Embora se tenha como preocupação responder às necessidades e conhecer os fatos para apreender uma realidade histórica, esse conhecimento não pode ser entendido como um dado acabado. Assim, no caso do trabalho com a memória dos escritos de um educador, trata-se de um conhecimento produzido e, portanto, uma tentativa de aproximação com o real, o que implica que poderá ser acrescido e até substituído por novos conhecimentos. Essa situação ocorre porque o estímulo que dá origem e força ao empreendimento da pesquisa, com vistas à produção do conhecimento, é a necessidade que os homens têm de saber, de explicar, de entender os fatos e o contexto em que ocorreram"* (Fávero, in: Fávero e Britto, 2003, p.116).

Ainda nesta perspectiva, quando problematizamos o trabalho da pesquisa em Ciências Sociais é importante discutir conforme Neves (IN: Fávero e Britto, 2003) que:

*"não há uma verdade doada e pronta. Daí a importância de se ter presente que o historiador ou o pesquisador (...) não é um arqueólogo da documentação, mediador neutro entre a verdade da fonte e a verdade da história, mas aquele que é capaz de formular uma problemática e de construir uma interpretação em que reconhece o encontro entre duas historicidades: a sua própria e a da documentação que utiliza"* (p.116-117).

(ii) *As singularidades do documento* precisam ser pensadas pois tratamos de uma escrita bastante direcionada do ponto de vista da forma e também do seu conteúdo. Além disso, ao executarmos a leitura e análise dos memoriais a partir de referenciais teórico-metodológicos específicos não podemos esquecer esta singularidade da produção de memórias. Conforme aponta Mignot (2003), a análise de relatos autobiográficos da vida profissional sinalizou para algumas possibilidades: em primeiro lugar, as recordações mais recentes não teriam sido ainda integradas no sistema da memória de longo prazo; em segundo, procuravam relatar acontecimentos que estivessem, de alguma forma, relacionados aos *"alicerces de suas convicções profissionais e suas teorias pessoais"* (Mignot, 2003, p.144). Para a autora os relatos autobiográficos permitem compreender processos de cristalização das teorias e convicções pedagógicas, processos esses imbricados intimamente com as práticas desenvolvidas. Além disso, estudos (idem, p.145) evidenciaram que o próprio exercício da docência é formador permitindo a construção de saberes experienciais, que se multiplicam definindo e redefinindo formas de agir, de pensar e de sentir (Frangella, in: Mignot, 2003, p. 153) ;

(iii) O desafio de *resgatar a auto-imagem do narrador e de trabalhar com diversos tipos de realidade*. Partimos da idéia de que

*“(...) os sujeitos criam uma imagem de si próprios que constitui uma instância da realidade relativa à sua maneira de repensar a própria existência, sobretudo no tocante às escolhas efetuadas no decorrer da vida e aos valores que cultuaram em sua prática docente. Quando os sujeitos se voltam para o passado para produzir uma escrita autobiográfica, eles não só sofrem a influência do distanciamento temporal que atua em todo o processo memorialístico, apagando determinadas experiências e intensificando outras, mas também operam uma seleção, ao escolher os fatos considerados dignos de ser divulgados e ao privilegiar determinados aspectos em detrimento de outros, em busca de dar sentido ao relato da própria vivência” (Mignot, 2003, p. 153).*

Estes “*diversos tipos de realidade*” (Viñao, IN: Mignot, 2003, p.153) presentes na produção autobiográfica, constituem-se em uma etapa complexa do processo analítico, pois *“um mesmo relato pode se alterar nos nomes, datas, lugares inclusive circunstâncias e ser, entretanto, verdadeiro na vivência do narrado”* (idem) exigindo do pesquisador o cruzamento das informações presentes no texto, no contexto determinado e na dimensão histórica mais ampla.

- (iv) A memória é a vida e, portanto, está em *evolução permanente*. O que foi escrito já evoluiu, já se modificou! A memória está *“aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível de longas latências e freqüentes revitalizações. (...) a memória é um fenômeno sempre atual (...) se enraiza no concreto, no espaço, nos gestos, na imagem, no objeto”* (Nora, in: Fávero e Britto, 2003, p. 115).

Logo, a pesquisa deve também seguir este movimento, acompanhando a evolução permanente, no movimento dialético da lembrança e no curso dos acontecimentos. O que se constitui em mais um esforço analítico para o pesquisador.



## 4.2

### As bases do diálogo autor-leitor na perspectiva Bakhtiniana

Em cada um dos pontos do diálogo que se desenrola, existe uma multiplicidade inumerável, ilimitada de sentidos esquecidos, porém, num determinado ponto, no desenrolar do diálogo, ao sabor de sua evolução, eles serão rememorados e renascerão numa forma renovada (num contexto novo). Não há nada morto de maneira absoluta. Todo sentido festejará um dia seu renascimento.

Bakhtin

Como na citação, a partir desta série de reflexões, aprofundo o debate com a teoria que orientará a análise dos memoriais. Aprofundo o desenrolar de um diálogo, na verdade um múltiplo diálogo onde serão discutidos os aspectos teórico-metodológicos da teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin.

Inicialmente, discuto as razões e as possibilidades de trabalhar com a linguagem a partir da perspectiva sócio-histórico-cultural. Em seguida, caracterizo o *corpus* de nosso estudo - o texto memorialístico escrito por educadores ambientais - compreendido como um enunciado de caráter dialógico, carregado da ideologia e da vivência dos nossos interlocutores. Por fim, foco a apresentação e discussão de conceitos-chave selecionados a partir de um primeiro diálogo com os dados empíricos.

### 4.2.1

#### Iniciando o diálogo autor-leitor

Nesta etapa discuto em que base se dará a análise da produção textual de nossos interlocutores. Os textos produzidos pelos participantes da pesquisa serão analisados à luz da filosofia da linguagem de Mikhail Bakhtin (1986 e 2003). Esta escolha deve-se à possibilidade de medirmos a análise a partir de um referencial fundamentado no materialismo dialético de linguagem (Bakhtin, 1986), capaz de compreendê-la nos seus aspectos sócio-históricos ideológicos<sup>33</sup> e como acontecimento dialógico<sup>34</sup>.

*“A perspectiva sócio-histórica representa um caminho significativo para uma forma outra de produzir conhecimento no campo das ciências humanas. Ao compreender que o psiquismo é constituído no social, num processo interativo possibilitado pela linguagem, abre novas perspectivas para o desenvolvimento de alternativas metodológicas que superem dicotomias externo/interno, social/individual. Ao assumir o caráter histórico-cultural do objeto de estudo e do próprio conhecimento como uma construção que se realiza entre sujeitos, essa abordagem consegue opor aos limites estreitos da objetividade uma visão humana da construção do conhecimento” (Freitas, 2003, p. 26).*

Para além da escolha da obra marxista, a opção pelo referencial bakhtiniano surge em função de dois momentos distintos desta tese. Primeiramente, foi um autor do qual me aproximei no mestrado. Esta primeira leitura se deu de forma bastante inicial, visto que sua produção é extensa e complexa, o que exige por parte do pesquisador um amadurecimento que só pode se dar ao longo de um diálogo sistemático,

---

33 A perspectiva sócio-histórico-ideológica é fundamental para a concepção marxista de mundo e destaca-se na obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem* (1986). Para Bakhtin “*tudo que é ideológico possui um valor semiótico*” (idem, p.32) e a ideologia é fruto das estruturas sociais. Desta forma, todo o interesse do autor está voltado para a “*natureza real dos fenômenos linguísticos*” (ibidem, p.27), isto é, a produção e a natureza social da enunciação.

Para Bakhtin o termo ideológico “*compreende tudo aquilo que envolve visão de mundo e axiologia, isto é, escala de valor*” (Tezza, 2006, p.216).

34 O dialogismo em Bakhtin é uma categoria central. Para o autor a linguagem é, por sua natureza constitutiva, dialógica. O acontecimento dialógico é compreendido como “*posições singulares que se confrontam*” (Amorim, 2003, p.18) na construção do sentido do texto e na interação verbal.

contínuo, prolongado. Assim, uma reaproximação seria conveniente na perspectiva de poder aprofundar-me na obra.

Em segundo lugar, um dos muitos questionamentos surgidos no decorrer dos estudos me fez retomar a idéia de que tal referencial poderia se constituir em importante arcabouço teórico-metodológico, visto que a perspectiva dialética subsidia a compreensão da linguagem como um fenômeno social intrinsecamente permeado pela abordagem dialógica, pela alteridade e pelo caráter enunciativo do texto.

#### 4.2.2

#### **O diálogo de Bakhtin e seu Círculo com a obra de Marx e Engels**

Provocada a pensar sobre a relação teórico-metodológica da teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin e seu Círculo com as obras de Marx e Engels, destaco que inicio minha interlocução em um “caminho inverso”. Coloco em primeiro lugar Bakhtin e seu Círculo, pois parti desta obra para a obra de Marx, em um caminho inverso, mas que marcou minha “tradição de leitura”.

O método dialético em Marx não tem na linguagem um elemento a ser problematizado a priori. Já para Bakhtin a realidade é construída na e pela linguagem. Por estar trabalhando com o texto escrito e toda a sua natureza e materialidade, a compreensão teórica bakhtiniana se torna importante, pois favorece uma possibilidade compreensiva com e além daquela formulada por Marx e Engels.

Entretanto, apesar das particularidades dos pensadores há conceitos centrais nas respectivas obras, dentre as quais: luta de classes e ideologia. Existem aspectos filosóficos que sustentam essas duas tradições – dialética, história e totalidade.

A matriz teórico-metodológica marxista fornece a possibilidade:

- de romper com a visão abstrata e objetivista, nos levando a uma outra dimensão da compreensão do discurso e da realidade;

- de transformar esta compreensão em uma dimensão ativa, dialógica e de base social (que inclui o pesquisador como parte do processo investigativo);
- de pensar os fenômenos narrados pelos interlocutores em sua complexidade e no decorrer histórico.

Assim como Marx - *“Tudo que é sólido se desmancha no ar”*, - é questionando o absoluto e a verdade única que os autores nos colocam a concepção de crítica dialógica tão explícita na obra bakhtiniana. Outro exemplo, o conceito de exotopia (que “amadurece” ao longo do tempo) ajuda a complexificar e compreender a relação *eu-outro* na pesquisa em outras bases que não as do absoluto. Segundo Bakhtin (citado por Todorov, 2003: XXI), *“em nosso mundo contemporâneo é impossível assumir uma verdade absoluta”*.

Na obra dos autores, do ponto de vista epistemológico, é a dialética materialista que permite a construção do conhecimento nas ciências humanas, na materialidade dos textos sócio-históricos-culturais.

*“O pensamento das ciências humanas nasce como pensamento sobre pensamentos dos outros (...). Independentemente de quais sejam os objetivos de uma pesquisa, só o texto pode ser o ponto de partida”* (Bakhtin, 2003: 308).

Creditamos tal perspectiva ao que Bakhtin chamou de *“criação ideológica do grupo social e da época”*, às disputas no seio da luta de classes e não ao inconsciente ou a um sujeito abstrato com o qual me comunico.

*“A palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor: variará se se tratar de uma pessoa do mesmo grupo social ou não, se esta for inferior ou superior na hierarquia social, se estiver ligada ao locutor por laços sociais mais ou menos estreitos (pai, mãe, marido, etc.)”*. (Bakhtin, 2003: 112).

Esta concepção expressa no pensamento de Bakhtin e de seu Círculo bebe em uma das principais obras de Marx, como podemos conferir adiante:

*“Na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser mas, ao contrário, é o seu ser social que determina a sua consciência.”* (Marx, K. *O Capital*, Vol I, 1982, p.25)

Nesse sentido, *“Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo”* (Bakhtin, 2003, p.296), também entendido por Marx e Engels como um campo de disputas sócio-ideológicas, políticas e, em primeira instância, de caráter econômico.

Tais referências nos permitem trabalhar o texto como fonte de dados e mais, trabalhar na tensão texto dos interlocutores (discurso dos memoriais) e texto da pesquisadora (com suas questões, seu discurso analítico e com sua própria visão de mundo) sem dicotomias, mas compreendendo as possibilidades de diálogo de dois textos, onde se destaca a diferença.

*“O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto deste contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo. Salientamos que esse contato é um contato dialógico entre textos (enunciados) e não um contato mecânico de ‘oposição’, só possível no âmbito de um texto (mas não dos textos e dos contextos) entre os elementos abstratos (os signos no interior do texto) e necessário apenas na primeira etapa da interpretação (da interpretação do significado e não do sentido). Por trás desse contato está o contato entre indivíduos e não entre coisas (no limite)”* (Bakhtin, 2003, p. 401).

Esta abordagem também nos permite pensar sob a ótica da alteridade, isto é, *“o quê e o como do que se diz supõem sempre o ‘outro’ em sua fundamental diversidade”* (Amorim, 2003, p.11), o que representa uma importante problematização do ponto de vista epistemológico da relação estabelecida entre pesquisador e pesquisados.

*“Para cada indivíduo, todas as palavras se dividem nas suas próprias palavras e nas palavras do outro, mas as fronteiras entre elas podem confundir-se, e nessas fronteiras desenvolve-se uma tensa luta dialógica” (Bakhtin, 2003, p.379).*

Pensando a relação autor-leitor Bakhtin faz uma profunda crítica ao abstracionismo nas Ciências Humanas: *“O complexo acontecimento do encontro e da interação com a palavra do outro tem sido quase totalmente ignorado pelas respectivas ciências humanas” (2003, p.380).*

Para o autor,

*“A primeira tarefa é compreender uma obra da mesma maneira como a compreendeu o próprio autor sem sair dos limites da compreensão dele. A solução dessa tarefa é muito difícil e costuma exigir a mobilização de um imenso material. A segunda tarefa é utilizar a sua distância temporal e cultural. Inclusão no nosso (alheio para o autor) contexto” (idem, p.381).*

As Ciências Exatas também recebem crítica de Bakhtin, desta feita em relação ao seu monologismo:

*“o intelecto contempla uma coisa e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe à coisa muda. Qualquer objeto do saber (incluindo o homem) pode ser percebido e conhecido como coisa. Mas o sujeito como tal não pode ser percebido e estudado como coisa porque, como sujeito e permanecendo sujeito, não pode tornar-se muda; conseqüentemente, o conhecimento que se tem dele só pode ser dialógico” (ibidem, p. 400).*

Tais críticas formuladas por Bakhtin nos parecem centrais quando pensamos na construção de nosso objeto e também nas escolhas metodológicas desta pesquisa.

### 4.3

#### O texto memorialístico

Os textos memorialísticos dos educadores ambientais constituem-se como nosso principal material de estudo. Com a análise destes registros pretendo responder à questão: *Como educadores ambientais traçaram seus caminhos de formação e de atuação profissional?*

Partindo da idéia de que os registros autobiográficos se constituem como uma forma típica de enunciados<sup>35</sup> individuais e concretos na sua relação com a cadeia comunicativa de seu campo<sup>36</sup> determinado, portanto, se constituem como um gênero discursivo onde “*cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados*” (Bakhtin, 2003, p.262). Para o autor, a constituição dos gêneros discursivos se deve a função a que se destinam e também às condições de comunicação - ambas relacionadas diretamente ao campo de filiação, aos interlocutores, às considerações temáticas, ao curso da vida social etc. - na totalidade com suas características próprias (idem, p.266).

Pensando sobre a função do gênero biográfico, entendo que ele pode se encarregar de narrar a vida do outro, mas também pode se constituir como a narração da própria existência, “*pode ser forma de conscientização, visão e enunciação da minha própria vida*” (Bakhtin, 2003, p.139). É nesta segunda condição que tenho interesse. O memorial é um registro das experiências vividas e que carrega consigo a autoridade de quem se remete à própria vida. São textos autobiográficos onde a temporalidade e as marcas individuais<sup>37</sup> estão presentes sob a forma de

---

35 Destacamos que o enunciado da comunicação discursiva se constitui como a unidade de análise dos textos memorialísticos. A discussão sobre o enunciado pode ser encontrada no texto de Volochinov (1930), publicado em Todorov, 1981. Apontamos também a problematização realizada por Bakhtin (2003, p.265-266) ao se referir aos *gêneros do discurso que requerem uma forma padronizada*, como no caso dos memoriais.

36 Refiro-me ao campo ambiental.

37 “*Já que se há de escrever, que ao menos não se esmaguem com palavras as entrelinhas*” (Clarice Lispector, 1992, in: MEMO 15). Esta citação é um

registro escrito das redes e conexões a que os indivíduos estão submetidos.

No caso desta pesquisa, os memoriais se encarregam de narrar as trajetórias de formação acadêmica e de apresentar escolhas e reflexões sobre o universo do trabalho de um grupo específico de profissionais – os educadores ambientais.

Bakhtin se refere à escrita autobiográfica como a escrita do *eu-para-si*, como a “*relação consigo mesmo*”, ou ainda, como a “*descrição de uma vida, auto-objetivação*” (idem, p.138-139). Há, portanto, uma relação entre personagem e autor, uma auto-representação. Na autobiografia literalmente o autor põe diretamente suas palavras nos lábios da personagem, entretanto, me parece conveniente admitir que há um outro ponto de interseção importante, a do autor com os seus leitores, afinal ele está falando de si e o olhar alheio recairá sobre os seus ombros.

Ao discutir a relação direta do autor com a personagem, Bakhtin (2003) considera que no texto autobiográfico:

*“o autor deve colocar-se à margem de si, vivenciar a si mesmo não no plano em que efetivamente vivenciamos a nossa vida; só sob esta condição ele pode completar a si mesmo, até atingir o todo, com valores que a partir da própria vida são transgredientes a ela e lhe dão acabamento; ele deve tornar-se o outro em relação a si mesmo, olhar a si mesmo com os olhos do outro” (...)* (p.13).

Esta é uma tensão extremamente complexa instituída como uma relação de proximidade, de “*parentesco*”, no momento em que a personagem se encontra com o autor, onde é possível perceber uma “*troca de lugares*”, uma alternância entre o papel de biógrafo e de personagem; mas de modo tal que o autor (idem)

*“nunca coincide com a personagem: eles são dois, mas entre eles não há contraposição de princípio (...). O ato de biografia é um tanto unilateral: aí há*

---

exemplo da marca de individualidade da autoria de um memorial, onde o autor buscou associar sua trajetória ao desenrolar de eventos da sua cidade, do país e do mundo, em uma narrativa atravessada por personagens, carregando nas *entrelinhas*.



*duas consciências<sup>38</sup> e não duas posições valorativas, há dois indivíduos mais não um eu e um outro e sim dois outros” (p.151).*

Avaliar a si mesmo do ponto de vista do *outro* é considerar a nós mesmos do exterior, ou melhor, da possível impressão causada *no outro*. Nesse processo de auto-objetivação o autor precisa se definir integralmente *para* o outro, precisa se consolidar como um *“fenômeno esteticamente acabado: uma personagem”* (ibidem, p.15).

Partindo destas discussões penso que os memoriais possuem uma autoridade como registro escrito. Portanto, considero *“o texto (escrito e oral) como dado primário (...)”*, como a *“única realidade imediata (realidade do pensamento e da vivência) (...)”*. Logo, *“onde não há texto, não há objeto de pesquisa e de pensamento”* (Bakhtin, 2003, p.307). O texto é *“pensamento sobre pensamentos, do discurso sobre o discurso, do texto sobre os textos”* (idem).

Assim, outro ponto interessante da teoria se remete ao fato de que o texto no pensamento bakhtiniano se produz sempre como intertexto (Amorim, 2004). Onde a relação discursiva se materializa, onde a relação dialógica se manifesta há *intertextualidade*.

Para finalizar, não acredito, assim como Bakhtin, que os conceitos possam ser pré-estabelecidos e simplesmente aplicados aos estudos em Ciências Humanas. Portanto, é a partir do *corpus* selecionado que vou estabelecer uma atitude dialógica no sentido de examinar as complexas relações entre as trajetórias de formação de um grupo profissional e do universo do trabalho desenvolvido por diversos educadores ambientais, manifestos através de seus textos escritos, de suas memórias. O constante diálogo com a teoria enunciativa da linguagem é o que fornecerá a base para a interpretação e a produção de sentidos.

---

38 As duas consciências podem assim ser entendidas: uma no plano vital outra no plano estético, ambas contrapostas, não coincidentes.

Bakhtin observa que se não há distanciamento entre autor e personagem são possíveis três casos genéricos de relações: (i) a personagem assume o domínio sobre o autor; (ii) o autor se apossa da personagem; (iii) a personagem é autora de si mesma, auto-suficiente e acabada. (2003, p.13-20)

#### 4.4

#### Fundamentação conceitual da análise dos memoriais

Considerando tanto a dimensão epistemológica (Amorim, 2003), quanto à dimensão filosófica (Tezza, 2001) da obra de Bakhtin<sup>39</sup> para a análise de nossos memoriais, cabe destacar os conceitos que, a partir de uma leitura primeira dos dados empíricos, se revelaram como fundamentais para a análise.

A primeira leitura dos memoriais teve como objetivo efetuar a seleção do material enviado pelos educadores ambientais e, em concomitância, permitir a leitura transversal buscando captar: (i) as primeiras impressões sobre o material escrito - “sentir os dados”; (ii) repetições e singularidades; (iii) os ditos e silêncios; (iv) relações com eventos históricos importantes para o campo ambiental; (v) as experiências como aprendiz, por exemplo, as influências teóricas, os autores com que dialogam etc. Vale pontuar uma dificuldade em relação a esta tarefa: os conceitos bakhtinianos possuem correlação entre si, sendo extremamente complexo desconectá-los do todo da obra.

##### **(i) A exotopia como experiência do olhar de pesquisa**

Na obra de Bakhtin (2003, p.11 e 166) o conceito de exotopia propicia a interrelação de pontos centrais de sua produção, quais sejam: o caráter ético, o caráter epistemológico e o caráter estético da relação autor-personagem. Essa relação pode ser assim descrita:

*“Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes concretos efetivamente vivenciáveis não coincidem. Porque em qualquer situação ou proximidade que esse outro que contemplo possa estar em relação a mim, sempre verei e saberei algo que ele, da sua posição fora e diante de mim não pode ver (...). Quando nos olhamos, dois diferentes mundos se refletem na pupila de nossos olhos. Assumindo a devida posição, é possível*

---

39 Vale destacar que as dimensões epistemológica e filosófica da obra de Bakhtin são exploradas a fundo nos escritos organizados em *Estética da criação verbal* (2003), por exemplo, em “O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas” (p.307-336) e em “Metodologia das Ciências Humanas” (p.393-410).

*reduzir ao mínimo essa diferença de horizontes, mas para eliminá-la inteiramente urge fundir-se em um todo único e tornar-se uma só pessoa. Esse excedente da minha visão, do meu conhecimento, da minha posse - excedente sempre presente em face de qualquer outro indivíduo - é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo” (2003, p.21).*

A diferença entre as posições *eu-outro* me fornece uma visão privilegiada como pesquisadora (excedente de visão). O lugar que ocupo me permite observar meus interlocutores, captar a análise que fazem de suas trajetórias, estudar as possibilidades que estes, do lugar de onde estão, não são capazes de enxergar, isto é, vejo o que eles não podem ver, penso possuir a visão do todo. Do lugar de pesquisadora posso dar “*ao sujeito um outro sentido, uma outra configuração*” (Amorim, 2003, p.14).

Ora, em tal concepção “*uma vida encontra um sentido, e com isso se torna um ingrediente possível da construção estética, somente se é vista do exterior, como um todo; ela deve estar completamente englobada no horizonte de alguma outra pessoa (...)*” (Todorov, 2003, p. XIX). Este é, portanto, um ato de criação estética estabelecida na relação eu-outro, na relação entre indivíduos em que “*uma das duas pessoas engloba inteiramente a outra e por isso mesmo a completa e a dota de sentido*” (idem). Também podemos entendê-lo como um ato ético, que exige por parte do autor a responsabilidade pela apresentação de suas idéias, pela sua construção intelectual a partir do texto de outrem.

Na experiência Bakhtiniana o “*excedente de visão*” permite complexificar e compreender a relação *eu-outro* na pesquisa em outras bases que não as do absoluto - segundo Bakhtin (citado por Todorov, 2003, p. XXI), “*em nosso mundo contemporâneo é impossível assumir uma verdade absoluta*”. É questionando o absoluto e a verdade única que Bakhtin coloca a concepção de crítica dialógica<sup>40</sup>. Portanto, para ele “*reduzir o outro (...) a um objeto é ignorar-lhe a característica principal*”, é ignorá-lo como sujeito, como “*alguém que fala*” (idem, p. XXXI).

---

40 “*Para a crítica dialógica, a verdade existe, mas não a possuímos*” (Todorov, 2003, p. XXXI).

Sob esta ótica, a relação pesquisador-pesquisado se consolida de um ângulo próprio, como estratégia dialógica pois, ao mesmo tempo em que vejo o que meu interlocutor não pode ver de seu lugar de origem, também sou transformada por esta observação. Transformo-me na relação com o outro. Do ponto de vista epistemológico é este processo dialético que permite a construção do conhecimento nas ciências humanas<sup>41</sup>.

## (ii) O endereçamento e os destinatários.

O que eu falo tem finalidade, tem direcionamento, falo para outro sujeito, o enunciado tem *autor* e *destinatário*, em nosso caso uma “*coletividade diferenciada de especialistas de um campo especial da comunicação cultural*” (Bakhtin, 2003, p.301) - educadores, em sua maioria pertencentes ao universo escolar e acadêmico.

Quando me remeto aos textos memorialísticos dos educadores ambientais, percebo claramente seu endereçamento. É claro a quem se destinam, do que falam, enxergo certa “padronização” da forma e do estilo. Ora, tal fato não pode ser tributado à falta de criatividade dos autores, mas principalmente ao formato acadêmico a que estão submetidos<sup>42</sup>. Entretanto, credito principalmente ao que Bakhtin chamou de “*criação ideológica do grupo social e da época*” e não ao inconsciente ou a um sujeito abstrato com o qual estes locutores se comunicam. Entendendo que,

*“Não pode haver interlocutor abstrato; não teríamos linguagem comum com tal interlocutor, nem no sentido próprio nem no figurado. Se algumas vezes temos a*

41 Para esta discussão sobre a atividade crítica, incluindo-se o trabalho do pesquisador, é interessante entender as proposições de Bakhtin: “*recolher os dados materiais, reconstruir o contexto histórico. Na outra extremidade do espectro situa-se a explicação por leis: sociológicas, psicológicas, até mesmo biológicas*” (2003, p.343). “*Ambos são legítimos e necessários. Mas é entre eles, de certo modo, que se situa a atividade mais específica e mais importante do crítico e do pesquisador em ciências humanas: é a interpretação como diálogo, a única que permite recobrar a liberdade humana*” (Todorov, 2003, p. XXXII).

42 “*A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor*” (Bakhtin, 1986, p. 114).

*pretensão de pensar e de exprimir-nos urbi et orbi, na realidade é claro que vemos 'a cidade e o mundo' através do prisma do meio social concreto que nos engloba. Na maior parte dos casos é preciso supor além disso um certo horizonte social definido e estabelecido que determina a criação ideológica do grupo social e da época a que pertencemos, um horizonte contemporâneo da nossa literatura, da nossa ciência, da nossa moral, do nosso direito" (2003, p. 112).*

Nesse sentido, *"todo enunciado concreto"*<sup>43</sup> *é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo"* (idem, p. 296).

Para Bakhtin, ao estabelecermos a linguagem como objeto de estudo é indispensável compreendê-la em meio à *"unicidade do meio social e ao contexto social imediato"*. Ou seja,

*"(...) é indispensável que o locutor e o ouvinte pertençam à mesma comunidade linguística, a uma sociedade claramente organizada. E mais, é indispensável que estes dois indivíduos estejam integrados na unicidade da situação social imediata (...)" (1986, p.70).*

É nesse sentido que entendo que a palavra existe em função de um interlocutor, na verdade em um duplo sentido, isto é, ela se configura como *"o produto da interação do locutor e do ouvinte (...) serve de expressão a um em relação ao outro (...) a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros"* (idem, p.113).

A palavra, mesmo que dirigida a um ouvinte imaginário<sup>44</sup>, não presencial, como no caso desta pesquisa, é signo e como tal *"é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais"* (ibidem). É o que acontece com nosso material empírico que possui um auditório social característico, pois se dirige a uma comunidade discursiva própria e em uma situação da vida profissional *sui generis*, que pressupõe, por exemplo, uma distinção

43 Bakhtin (2003, p.296-299), ora usa o termo concreto, ora usa o termo isolado quando se refere aos limites do enunciado. E informa: *"Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos no discurso"* (idem, p. 296-297).

44 Dialogo sempre com a imagem do outro e com a imagem que suponho que o interlocutor tenha de mim. *"O mundo interior e a reflexão de cada indivíduo têm um auditório social próprio bem estabelecido, em cuja atmosfera se constroem suas deduções interiores, suas motivações, apreciações, etc."* (Bakhtin, 1986, p.113).

hierárquica entre os participantes da comunicação onde uns assumem o papel de avaliadores e o autor a posição de avaliado, já que os memoriais se destinam, em sua totalidade, ao julgamento no universo institucional, seja para a ascensão funcional na carreira, seja para o ingresso em cursos de pós-graduação. Logo, o que organiza a expressão é o meio social que envolve o sujeito.

### **(iii) O diálogo e o dialogismo**

A pesquisa em ciências humanas se dá no terreno da relação entre sujeitos em diálogo, possível através da linguagem. Para Bakhtin,

*“o diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas, pode-se compreender a palavra ‘diálogo’ num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja”* (1986, p.123).

As autobiografias, como “atos de fala impressos”, também se configuram como elementos da comunicação verbal: *“assim o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica (...)”* (idem).

Acredito que não existe monólogo quando se trata dos textos desta pesquisa<sup>45</sup>, pois eles falam com alguém, para alguém, para as vozes interiores,

*“toda enunciação monológica, inclusive uma inscrição num documento, constitui um elemento inalienável da comunicação verbal. Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal”* (ibidem, p.98).

Dessa forma, *“cada palavra é no mínimo duas palavras; e cada evento da linguagem é a atualização de uma relação de forças entre sujeitos históricos distintos”* (Tezza, 2006b, p.241).

---

45 O monólogo se estabelece quando vozes são desconsideradas, apagadas. O autoritarismo, o nazismo, o extermínio se caracterizam como momentos de supressão, apagamento e morte do outro e de suas vozes.

Conclui-se que o diálogo é uma forma mais exteriorizada e superficial de dialogismo. Por sua vez, a dialogia é a categoria teórica na qual está centrada toda a filosofia da linguagem desenvolvida por Bakhtin (Amorim, 2004)<sup>46</sup>. Conforme o autor, o fenômeno dialógico é quase universal.

Portanto, o dialogismo engloba muito mais do que a interação verbal face a face, ele é o momento do encontro de duas ou mais vozes com suas realidades e experiências, de onde emergem múltiplos sentidos, que são incorporados e resignificados por seus interlocutores, o que me leva a pensar e destacar a questão espaço-temporal do fenômeno comunicativo elaborado na análise bakhtiniana:

*“Dois enunciados, separados um do outro no espaço e no tempo e que nada sabem um do outro, revelam-se em relação dialógica mediante uma confrontação de sentido, desde que haja alguma convergência do sentido” (...) (Bakhtin, IN: Marchezan, 2006, p.118).*

Tal separação se dá na pesquisa em Ciências Humanas quando pensamos a relação entre pesquisado e pesquisador. Esta questão se destaca em outras situações da pesquisa, por exemplo, quando o autor fala sobre o passado, mas em diálogo com sua experiência presente. Este distanciamento espaço-temporal se constitui em duas faces de uma mesma moeda, onde se podem apagar/intensificar experiências, operando uma seleção que do ponto de vista investigativo se constitui em um grande desafio.

Tomando a idéia de dialogismo numa concepção bakhtiniana como princípio e como conceito-chave para a pesquisa qualitativa de caráter sócio-histórico-cultural é com esse direcionamento buscarei compreender o texto de nossos interlocutores (as).

---

46 Vale a pena ressaltar que esta categoria teórica corrobora a crítica do Círculo de Bakhtin (destaco: Bakhtin 1986 e 2003 e Volochinov e Bakhtin, 1926) à linguagem vista de forma dicotômica e fragmentada, assim como a crítica às visões abstratas e individualistas das concepções de linguagem elaboradas até então.

Ao ler e entrelaçar as diversas vozes surgidas nos memoriais, assumirei uma compreensão ativa da realidade estudada com a possibilidade de avanços na compreensão do objeto em questão.

#### (iv) O silêncio nos memoriais

Na obra de Bakhtin se manifesta uma tensão: o *silêncio* e as *vozes*, o *dito* e o *não-dito*, entre o que *fala* e o que *cala* (Amorim, 2004, p.114). A análise do texto na perspectiva dialógica permite identificar tanto as vozes como os silêncios. “O *dialogismo da escrita e o dialogismo da leitura* supõem ambos uma *cena muda; a primeira coisa que autor e leitor têm a compartilhar é o silêncio*” (Amorim, 2002 e 2004, p.283).

Na obra do historiador Michael Pollak (1989) também encontramos referência aos “não-ditos”:

*“(...) existem nas lembranças de uns e de outros zonas de sombra, silêncios, “não-ditos”. As fronteiras desses silêncios e “não-ditos” com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios (...), é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos”.* (p.5-6)

Entretanto, o silêncio não se constitui como privação, como interrupção da linguagem, mas supõe a linguagem, supõe um outro texto, oculto sob as intenções explícitas, reveladas. Para a teoria enunciativa da linguagem o que **não** encontramos

*“é o silêncio do que nunca foi dito ou do que não consegue se dizer (...) Ora, parece-me que esse silêncio é fundamental para o texto de pesquisa em ciências humanas (...) esse silêncio radical que não remete a nenhuma voz é também signo de que, em nosso trabalho de análise de um texto de pesquisa, estamos em presença de um regime discursivo dominante que merece ser analisado em seus constrangimentos”* (Amorim, 2004, p. 284).

É interessante destacar para fins desta pesquisa que o *locus* onde se instala o silêncio no evento discursivo tem sua materialidade e pode ser assim determinado:



“O silêncio se dá sempre no intervalo: entre duas palavras, entre dois enunciados, entre dois textos, entre duas vozes e entre dois regimes discursivos. Só posso ouvi-lo se já passei para o outro lado” (idem, p.285).

Pensando no texto elaborado por nossos interlocutores, podemos revelar o não-dito. Por exemplo, em uma grande parcela dos textos estudados se identificam ausências relativas ao que vou chamar de “insucessos”. Há um significativo apagamento das experiências negativas, daqueles desafios cotidianos a que estamos indiscutivelmente a mercê. As narrativas se remetem fundamentalmente às experiências positivas, de sucesso, excluindo os conflitos como se não pudessem ser desvelados, como partes a serem conscientemente omitidas.

#### 4.5

#### **No diálogo com os memoriais, a construção da análise**

A pesquisa está fundamentada em duas faces indistintas e complementares. A primeira penetra no universo de formação de educadores ambientais que trazem contribuições para compreender a gênese de um corpo profissional – o educador ambiental. A segunda se propõe a analisar percursos e práticas de atuação destes profissionais que, constituídos também no universo do trabalho, se propõem a serem educadores ambientais. Tanto a formação, quanto o trabalho serão compreendidos como categorias gerais para uma visão ampla da realidade concreta.

Tais categorias fornecem uma visão inicial do conjunto de trajetórias, afirmando o que se consolida ao longo do tempo e das relações estabelecidas. Construo como ferramenta facilitadora quadros analíticos – *perfil geral dos educadores ambientais* (QUADRO 2, pág. 217), *percursos e cronologia da formação* (QUADRO 3, pág. 219), *produção durante a formação (pesquisa, estágio, extensão)* (QUADRO 4,

pág. 223) e, por fim, *a relação entre formação e trabalho* (QUADRO 5, pág. 228). Os quadros dão a exata dimensão do entrecruzamento entre os memoriais e permitem compreender de forma abrangente o universo estudado - macroanálise.

A segunda etapa organiza os memoriais em quadros com categorias mais abstratas (QUADRO 6, pág. 233), onde se incluem as primeiras análises e alguns recortes com a fala dos interlocutores e comentários da pesquisadora. Os quadros trazem verticalmente as categorias gerais: **formação – pré-universitária, formação universitária** (que inclui informações sobre a formação inicial, os cursos de curta duração, de especialização, de mestrado, de doutorado e de pós-doutorado) **e o trabalho** (docência em todos os níveis de ensino público e privado; ONG/movimento social com trabalho remunerado; trabalhos voluntários diversos, mas sem remuneração<sup>47</sup>; serviço público, envolvendo o trabalho em parques/reservas, secretarias, fundações e museus; outros<sup>48</sup>). Horizontalmente, os quadros organizam as categorias abstratas em função de aspectos de relevância para a compreensão das narrativas, tais como:

1. a compreensão dos percursos de formação dos educadores ambientais e a constituição de um grupo sócio-profissional, incluindo informações sobre sua origem, o discurso de entrada na carreira, as escolhas e ações de ingresso na formação inicial, na pós-graduação e no mundo do trabalho, os *loci* de atuação, a prática política e a função assumida no grupo, os seus interlocutores no processo de profissionalização, o projeto de sociedade que buscam alcançar, as visões que vão sendo reveladas sobre educação/EA, sobre ser educador ambiental etc.;
2. o aparecimento das contradições e as críticas aos problemas vivenciados, onde se destacaram as críticas sobre a formação e

---

47 Nesta categoria incluí o trabalho nas Redes de EA e outras instâncias do movimento social, além do trabalho em conselhos consultivos de instituições de classe, sindicatos e GTs da ANPED.

48 Na categoria “outros” temos o trabalho em empresas privadas e contratos temporários em assessorias, consultorias e no desenvolvimento de projetos.

sobre as ações de EA, a relação teoria e prática, as limitações e avanços do processo formativo, as dificuldades de atingir os princípios da EA, o pensamento contra-hegemônico, as relações travadas entre trabalho e formação.

Para efeitos de organização dos dados e análise destes, são realizadas categorizações e distinções entre formação e trabalho, mas tal distinção levará em conta que

*“(...) o estudo é também um trabalho, e muito cansativo, com um tirocínio particular próprio, não só intelectual, mas também muscular-nervoso: é um processo de adaptação, e um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e até mesmo sofrimento”* (Gramsci, 1995, p. 51).

A etapa seguinte retoma os memoriais para a seleção dos enunciados (Apêndice, ver pág. 235), para a caracterização do contexto de enunciação e para a elaboração dos comentários da pesquisadora partindo das categorias mais abstratas que mais se destacaram nas narrativas.

Nesta etapa do processo de análise - microanálise - considero que:

*“Quanto à constituição do enunciado, ele é composto não só de uma dimensão verbal, o seu material semiótico e a organização desse material em um conjunto coerente de signos (a organização textual), mas também de uma dimensão social, a sua situação de interação, que inclui o tempo e o espaço históricos, os participantes sociais da interação e a sua orientação valorativa”* (Volochninov, 1981, p.6).

Neste momento, se pôde verificar o movimento de endereçamento onde

*“Toda enunciação, mesmo na forma imobilizada da escrita, é uma resposta a alguma coisa e é construída como tal (...). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados”.* (Bakhtin, 2003, p. 272)

Nos memoriais há uma dimensão importante de ser lembrada, sua finalidade discursiva se relaciona a um processo de distinção

meritocrática e seleção. Logo, há mais do que uma situação comunicativa contextual, mas uma dimensão importante para a compreensão de sentidos.

Por fim, fechando a etapa analítica pretendo retomar as “*determinações da totalidade concreta*” (Marx e Engels, 2006) discutidas para melhor aprofundamento dos fatos no movimento histórico.

*“Fatos são dados a observação, mas relações entre fatos têm de ser construídas num plano que ultrapassa a aparência imediata dos fatos”.* (Limoeiro, 1977, p.7)

Como não são fruto de evidências objetivas e aparentes, as análises caminharão lado a lado com a teoria, com o pensamento já elaborado, apropriando-se de discussões já sistematizadas do campo da EA.